

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia
2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação,
Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-873-1

DOI 10.22533/at.ed.731211103

1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo
(Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora).
III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA

Mirella Guimarães Pedroso

Ana Claudia de Leite-Mor

DOI 10.22533/at.ed.7312111031

CAPÍTULO 2..... 15

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Renato Somberg Pfeffer

DOI 10.22533/at.ed.7312111032

CAPÍTULO 3..... 25

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Fernandes Zanoni

DOI 10.22533/at.ed.7312111033

CAPÍTULO 4..... 38

A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER

Maria Jorge dos Santos Leite

DOI 10.22533/at.ed.7312111034

CAPÍTULO 5..... 48

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT

Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

DOI 10.22533/at.ed.7312111035

CAPÍTULO 6..... 55

BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

Nathan D'Avila Silva

Keberson Bresolin

DOI 10.22533/at.ed.7312111036

CAPÍTULO 7..... 63

LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111037

CAPÍTULO 8..... 71

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111038

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 82 |
| FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA | |
| Nosta da Graça Mandlate | |
| Tancredo Tercílio Tivane | |
| DOI 10.22533/at.ed.7312111039 | |
| CAPÍTULO 10 | 94 |
| O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR | |
| Roberto Carlos de Andrade Júnior | |
| Robson Costa Cordeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110310 | |
| CAPÍTULO 11 | 104 |
| PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT | |
| Thainá dos Santos Matos | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110311 | |
| CAPÍTULO 12 | 112 |
| PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU | |
| Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110312 | |
| CAPÍTULO 13 | 133 |
| SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS | |
| Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110313 | |
| CAPÍTULO 14 | 147 |
| SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER? | |
| Renata Ribeiro Costa Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110314 | |
| CAPÍTULO 15 | 150 |
| HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO | |
| Jovany Arley Sepúlveda Aguirre | |
| Luis Fernando Garcés Giraldo | |
| Conrado Giraldo Zuluaga | |
| Felipe Jaramillo Vélez | |
| Juan Esteban Alzate Ortiz | |
| DOI 10.22533/at.ed.73121110315 | |

| | |
|-------------------------------------|------------|
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 161 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 163 |

CAPÍTULO 8

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Data de aceite: 01/03/2021

Adriana Obando Aguirre

Universidad San Buenaventura
Medellín Antioquia. Colombia

<https://orcid.org/0000-0003-1987-7235>

RESUMEN: El presente texto pretende brevemente realizar una reflexión sobre la necesidad de articular filosofía antropológica y la integración de la vida a partir de la pregunta: ¿qué es el hombre? desde la perspectiva del terapeuta y médico español, Pedro Laín Entralgo. Pedro Laín Entralgo fue médico de profesión, inquieto por los estudios históricos, un apasionado por la escritura en prosa que plasmó a través de muchos textos a manera de ensayos; ensayos filosóficos que plantean ideas que promueven posibilidades de rescatar y reconstruir nuevas teorías desde la necesidad de comprender el hombre como un ser integral. Hoy, Pedro Laín Entralgo es uno de los pensadores muy influyentes en Europa y en Latinoamérica. Este pensador español desde las teorías antropológicas-filosóficas que plantea en sus textos publicados tiene como objetivo buscar que nos acerquemos a la respuesta del interrogante que le da título a este texto en articulación de comprender el sentido y la finalidad de la vida humana en el mundo desde un ejercicio investigativo a la luz de la filosofía antropológica que está traspasada por la *palabra* como fundamento primero y último de la integración de la vida humana.

PALABRAS CLAVE: sentido de vida, la palabra, filosofía, ejercicio terapéutico, antropología.

O QUE É HOMEM? DA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

RESUMO: O presente texto pretende brevemente realizar uma reflexão sobre a necessidade de articular filosofia antropológica e a integração da vida a partir da pergunta: o que é o homem? da perspectiva do terapeuta e médico espanhol, Pedro Laín Entralgo. Pedro Laín Entralgo foi médico de profissão, inquieto pelos estudos históricos, um apaixonado pela escrita em prosa que plasmou através de muitos textos a forma de ensaios; ensaios filosóficos que propõem idéias que promovem possibilidades de resgatar e reconstruir novas teorias desde a necessidade de compreender o homem como um ser integral. Hoje, Pedro Laín Entralgo é um dos pensadores muito influentes na Europa e na América Latina. Este pensador espanhol desde as teorias antropológicas-filosóficas que apresenta em seus textos publicados tem como objetivo buscar que nos aproximemos da resposta da interrogação que dá título a este texto em articulação de compreender o sentido e a finalidade da vida humana no mundo desde um exercício investigativo à luz da filosofia antropológica que é traspasada pela palavra como fundamento primeiro e último da integração da vida humana.

PALAVRAS - CHAVE: sentido de vida, a palavra, Filosofia, exercício terapêutico, antropologia. What is man? from the philosophical anthropological perspective of Pedro Laín Entralgo

WHAT IS MAN? FROM THE PHILOSOPHICAL ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVE OF PEDRO LAÍN ENTRALGO

ABSTRACT: This text briefly intends to reflect on the need to articulate anthropological philosophy and the integration of life based on the question: what is man? from the perspective of the Spanish therapist and physician, Pedro Laín Entralgo. Pedro Laín Entralgo was a doctor by profession, anxious about historical studies, passionate about prose writing that he captured through many texts as essays; philosophical essays that propose ideas that promote possibilities of rescuing and reconstructing new theories from the need to understand man as an integral being. Today, Pedro Laín Entralgo is one of the very influential thinkers in Europe and Latin America. This Spanish thinker from the anthropological-philosophical theories that he raises in his published texts aims to seek that we approach the answer to the question that gives this text its title in articulation of understanding the meaning and purpose of human life in the world from an investigative exercise in the light of the anthropological philosophy that is crossed by the word as the first and last foundation of the integration of human life.

KEYWORDS: meaning of life, the word, philosophy, therapeutic exercise, anthropology.

EL HOMBRE COMO UN SER INTEGRAL

El ejercicio investigativo en las distintas áreas del conocimiento no sólo es una exigencia de escudriñar e indagar, como, por ejemplo, prácticas, metodologías o métodos que están de alguna manera vinculados y afectan la vida humana, sino que también implica analizar, leer, entender e interpretar sentimientos y experiencias, historias personales y sueños, aciertos y fracasos acontecidos en cada hombre. En este sentido, del pensador Laín Entralgo podemos determinar que: “su método procura una integración entre la ciencia y la filosofía, con la finalidad de fundamentar una idea de ser humano que resultará razonable al mundo contemporáneo” (García, J & Giraldo, C, *Notas de clase*, p. 3), lo que resulta constatar en los propios argumentos de este pensador español, en lo que respecta a la concepción del ser humano, desde una visión personal:

A su término creo haber llegado a concebir una idea del ser humano acorde con lo que sobre él enseñan o sugieren las tres vías principales hacia su conocimiento: las ciencias positivas (biología, psicología, cosmología, paleontología, etología), el pensamiento de los filósofos más explícitamente atentos al saber científico (C, Lloyd Morgan, Alexander, Whitehead, Ortega, Gehlen, Zubiri) y el testimonio de los no pocos ensayistas y poetas que de un modo u otro han confesado lo que piensan ser o el ansia de trascendencia latente en su intimidad (Laín, 1996, p. 7).

El método investigativo creado y desarrollado por Laín comprende: “[...] vías principales [...], las ciencias positivas (biología, psicología, cosmología, paleontología, etología)” (1996, p. 7), vías de conocimientos que buscan promover de alguna manera: “[...] explicar una cosa es dar razón de ella mediante el conocimiento de sus causas, según lo que por causa entiende la ciencia natural mediante el conocimiento de sus causas” (Laín, 1996, p. 27). Esta propuesta investigativa está relacionada con el procedimiento de esos

pensadores que promovieron el método genealógico, es decir, el método que promueve hallar las causas de las consecuencias de los hechos protagonizados por el hombre, como, por ejemplo, es el caso de Nietzsche, en la filosofía, de Marx, en la sociología, y, por último, de Freud, en el psicoanálisis. Para Laín, es fundamental que frente a los interrogantes que se han construido a lo largo de la historia sobre el hombre, su realidad, su entorno, su angustia frente a la muerte, sobre su experiencia de finitud, es importante que todo método de indagación que pretende responder los interrogantes constantes acerca del hombre es necesario establecer que todo método tiene el deber de:

captar el verdadero valor de lo que hace la ciencia ¿Para qué empeñarse en describir y explicar la realidad del ser humano? Para tener una mejor autocomprensión de lo que se es y de lo que somos. La comprensión nos permite descubrir y entender las causas finales, dar un sentido a la realidad que envuelve al ser humano (Laín, 1996, p. 39).

Desde la perspectiva de Laín, la realidad en la que habita el hombre: “No basta describir y explicar; para conocer de manera más íntegra esa realidad que envuelve al ser humano; la ciencia debe estar más allá de lo meramente evidente” (Laín, 1996, p. 39). La realidad para el hombre dice Laín (1996) va mucho más allá de los acontecimientos científicos interpretados por las disciplinas del conocimiento humano. Lo esencial es comprender la vida humana en el contexto donde se desarrolla, y más que comprensión de lo que denominamos realidad, lo que debemos es generar frente a la pregunta: ¿qué es el hombre?: autocomprensión, porque: “El ser humano necesita responderse muchas preguntas, no basta con ampliar los conocimientos científicos, se necesita ante todo brindar una mejor comprensión de (mi) nuestra realidad. La autocomprensión es una búsqueda insaciable en toda persona, por esta razón cuando la ciencia le abre nuevos horizontes de conocimiento, éste se alegra y grita: “Eureka” ¡lo he encontrado!” (Laín, 1996, p. 39).

Para que se dé confiadamente el grito de: “Eureka” ¡lo he encontrado!” la antropología filosófica propuesta por Laín entra a cumplir un rol importante para la ciencia, porque, precisamente la antropología filosófica le exige a la ciencia que esta:

debe ser un espacio donde el ser humano se confronte consigo mismo, un lugar desde el cual humanizarse. La búsqueda es nuestra, no de otras realidades. Usamos la ciencia para los fines menos útiles y no humanos. No puede hacerse ciencia sólo para afirmar, que lo que ella dice, es sin más, la absoluta y radical verdad. El ser humano debe identificar que en la ciencia: su saber abarca sólo una pequeña parte de algo que es siempre más. (Laín, 1996, p. 40).

En este sentido, la estructura del hombre debe interpretarse mucho más allá de las tradicionales concepciones, como, por ejemplo, un ser conformado de materia (cuerpo), espíritu, alma, e incluso más allá de las teorías antropológicas, estos pensamientos certifican que como dice Giraldo (2009): “Laín rompe con la tradición: no está de acuerdo con la idea de un alma como ente separado, pero tampoco la concibe como algo claro y preciso [...]

El hombre como estructura dinámica que es, [...] ha alcanzado “algo” que no poseen las demás estructuras orgánicas”(p. 487). En este sentido, ese “algo” determina las formas distintas de concebir la materia, en este caso, el cuerpo, que no solamente visibiliza la presente en el mundo, sino que posibilita el ser humano como un conjunto integral aspectos existenciales tangibles e intangibles que ayudan a comprender la condición humana más allá de las doctrinas binarias y moralistas, promovidas mediante el discurso binario: bueno y malo, bello y feo, saludable y enfermo, etc.

A partir de esta propuesta conceptual que sobrepasa el lenguaje binario de la interpretación y lectura de la condición humana, en la antropología de Laín es válido preguntar: “¿Qué entiende entonces por materia [...]? ¿cuál es la doctrina vigente para nuestros días que resulte de ayuda para comprender de otro modo lo que es el ser humano, lo que ven sus ojos y tocan sus manos?” (1999, p. 182). Estos criterios antropológicos de Laín se constatan desde los mismos argumentos que plantea en el texto: *Qué es el hombre*, una obra en donde “citando a Teilhard de Chardin: “Yo te bendigo y te saludo, Materia, no como devaluándote y desfigurándote te describen los pontífices de la ciencia, que te ven como conjunto de fuerzas ciegas” (1999, p. 182). Desde esta novedosa perspectiva en relación con la materia, Laín cuestiona en parte la concepción de materia de la ciencia, hasta el punto de dar a conocer una fórmula:

[...] he aquí mi fórmula: desde que el universo se constituyó, y teniendo en cuenta lo que concordantemente nos dicen la astrofísica y los aceleradores de partículas, la materia del cosmos – el protón, el átomo, el mineral, el cuerpo viviente – es un estado y una etapa en la evolución de “algo” anterior a ella; “algo” que no es ente de razón, que es un ente real al que, a falta de otro nombre mejor, bien podemos llamar *dinamismo* (1996, p. 131).

En este sentido, la pregunta ¿qué es el hombre? toma sentido pleno según criterios de Giraldo: “El hombre es fruto de un proceso evolutivo de complejización de una estructura que con el paso de los años ha adquirido esta forma que presenta ahora y que no puede dejar de ser” (2008, p. 213). Más aun, dirá Laín: “el hombre es persona y hace lo que como persona hace en tanto que estructura hoy por hoy suprema en la evolución del dinamismo cósmico” (1999, p. 235). Sin embargo, el hombre no es simplemente materia visible a través de un cuerpo, también es alma y espíritu, por consiguiente: “En cuanto espíritu, el alma es el sujeto activo de la actividad psíquica del ser humano sentir, pensar, decidir la ejecución de actos libres, etc. y de la relación entre el hombre y Dios. Exento de él, ningún ser viviente es capaz ni siquiera de sentir” (Laín, 1969, p. 70). Lo que equivale a decir que, el hombre se constituye en un ser que tiene la posibilidad de “decir sí mismo “yo” (1996, p. 352).

Estas posibilidades que posee el hombre de decir: “yo” constituyen para Laín la máxima existencial de proclamar constantemente: “Mi cuerpo soy yo” (Laín, 1996, p. 351). Como expone el mismo pensador español: “es la invitación particular que hace Laín a

todo lector de su obra, para que se abra paso desde su cuerpo a la realidad que le rodea. Desde mi aquí y mi ahora (Laín, 1996, p. 362), lo que significa exponer que, la pregunta: ¿qué es el hombre? se responde desde el contexto particular, desde la situación existencial y proyección existencial de cada persona, en razón de que “el ser humano asciende al entendimiento de lo que es como resultado de un devenir histórico y una situación social (Laín, 1996, p. 379). El hombre no únicamente es un compuesto de materia, alma y espíritu ni tampoco “es el resultado de un desarrollo embriológico, sino ante todo el resultado de un proceso biográfico (Laín, 1996, p. 388). El hombre es una constante narración. La narración que tiene un prólogo y epílogo.

La palabra cumple un papel fundamental en la narración, porque, más allá de las tres concepciones de la misma, conjuro, plegaria y sanación constata, como expone el mismo Laín que: “Mi cuerpo viviente y, en él mi cerebro, no se reduce a un organismo con una conciencia que le capacita para decir yo; es la actividad de una estructura dinámica que tiene la posibilidad de dar expresión a su realidad personal diciendo yo. Es mi cuerpo viviente el que piensa, siente y quiere, escribió Unamuno. Pues bien: desde un cuerpo, el mío, que puede decir y a veces dice yo, he tratado de dar razón de mi realidad en el espacio y en el tiempo, de cómo biológica, histórica y biográficamente he llegado a ser el que soy y lo que soy (Laín, 1996, p. 351).

La palabra juega un papel importante en la antropología de Laín. Esta propuesta de Laín está articulada a la propuesta de Nietzsche: “toda investigación de ideas deberá orientarse, por necesidad, hacia la mente que las necesita” (1984, pág. 38). En todo lo que el ser humano deja entrever cabe la pregunta: ¿qué puede ocultarse detrás de esa actitud?, ¿de qué pretende desviar la mirada?, ¿qué prejuicios quiere suscitar?, ¿hasta dónde alcanza la sutileza de esa presentación?, ¿contra qué pretende atentar?” (1984, pág. 38), cuestionamientos de un filósofo que intentan servir de base a las investigaciones de causas y no de simples consecuencias.

En este sentido, hablar de la vinculación entre filosofía y antropología es asumir dicha ayuda a la comprensión del hombre en la perspectiva de lo acontecido en este ser indefenso, frágil, absurdo, porque tiene preguntas sin respuestas y según Laín el imperativo sería más bien comprender las causas generadoras de consecuencias de tanta destrucción a sí mismo, destrucción de los demás y destrucción del mundo. Por eso, como expone también un terapéutica alemán por la línea de Laín, en cuanto a la importancia de la respuesta de la pregunta: ¿qué es el hombre?, Drewermann, que considera que el problema del hombre está en la pregunta: ¿Por qué el hombre es un ser desgraciado?, y se va a las reflexiones proporcionadas por el relato de las primeras páginas del Génesis: “para entender por qué los hombres sufren tanto en sí mismos, piensan que es necesario trazar y proyectar como telón de fondo un cuadro limpio por completo del estado del hombre según la concepción original” (Drewermann, 1996, p. 22).

En este sentido, el proceso de la investigación generador de conocimientos: objetivos, subjetivos, gramaticales, históricos, para Laín deberían involucrar en primera instancia a los hombres como objetos de conocimiento hasta propiciar autoconocimiento y auto comprensión de ellos mismos. La comprensión de la vida de los hombres en este sentido debería ser entendida como: “reconstrucción, histórica, adivinatoria, objetiva y subjetiva de un texto escrito, hablado, vivido, actuado, reprimido, oculto” (Gadamer, 2006, p. 98), de donde brota el sentido de interpretar: “es poner a un texto en su contexto para comprenderlo y después reconstruirlo para aplicarlo a un contexto actual que se requiere transformar” (Gadamer, 2006, pág. 98), para Laín, comprender e interpretar juegan un papel fundamental a la hora de preguntarnos: ¿Qué es el hombre? porque quizás la razón radica en que el hombre es una texto que hay que leer y porque el hombre es un símbolo que hay que interpretar.

La pregunta por el hombre no escapa o no debería estar fuera de ninguna disciplina del conocimiento, por eso, la antropología de Laín es la base de nuevas teorías modernas en el intento de explorar la experiencia de la angustia frente a la finitud y sus causas en la vida del hombre, por tal motivo: “la hermenéutica intenta alcanzar una nueva comprensión volviendo a las fuentes originales, algo que estaba corrompido por distorsión” (Gadamer, 2006, p. 98). La palabra como promotora de catarsis en este sentido se va a constituir para el psicoanálisis nos va a decir Ricoeur: “pretende mostrar, no ya lo que es obvio y aparente sino las verdaderas y latentes concreciones de sentido de la acción humana [...]” (Ricoeur, 1995, p. 85), este criterio permite justificar la complementariedad entre hermenéutica entendida desde la comprensión y el psicoanálisis como ejercicio apoyado en la lingüística, definida esta como: “un instrumento muy eficaz de transformación, pero siempre dentro de sus objetivos específicos, como son la toma de conciencia de uno mismo y el desarrollo en clima de libertad” (Drewermann, 1995, p. 24).

La antropología y el ejercicio terapéutico fundamentas en la palabra en perspectivas de sus usos, según Laín son dos posibilidades articuladas para comprender la vida y el mundo del hombre donde uno de sus mayores intentos como en la filosofía de Nietzsche es recuperar el *sentido religioso* de la vida; cuando hablamos de *sentido religioso* nos referimos a la experiencia individual del hombre capaz de sentir que la vida propia tiene como fuente: *belleza, bondad y verdad*, independientemente de la lectura trágica de la misma. En otras palabras, la lectura trágica de la vida no puede impedir la búsqueda de una armonía que en el mundo clásico griego estaba representada bajo la noción de *Physis* y *Zoé*, naturaleza y vida íntegra que desarrolla el sentimiento de que la vida simplemente es. Esto debido a que no es posible buscar integrar alma y cuerpo en el hombre si nos empeñamos en seguir pretendiendo que la vida de cada hombre es una deuda que hay pagar, esta pretensión se convierte para Laín en una base nociva que va en contra del hombre mismo. Como expone Giraldo (2009):

Pero más allá de lo que le sirvió al mismo Laín su propuesta terapéutica del logos,

podemos pensar en la manera como puede servirnos hoy. Nos enfrentamos a seres humanos enfermos, en sociedades enfermas que requieren la curación por la palabra: estamos enfermos porque tememos irreflexivamente al migrante, porque facilistamente condenamos a muerte al paciente que imaginamos va a tener un esfuerzo terapéutico innecesario, lo estamos cuando consideramos que somos los únicos que tenemos el derecho de vivir por nuestra raza, religión, creencia política y condición económica, cuando olvidamos que debemos preservar la fragilidad del gestante que requiere cuidados, cuando arriesgamos la continuidad de nuestra especie por los efectos de sistemas económicos que buscan lucrarse a costa de exprimir los recursos que nunca se recuperarán[...]" (p. 7).

La palabra en perspectiva de la antropología y el ejercicio terapéutico de Laín se constituye también como herramienta para "la formación del personal que cuida pacientes debería tener presente la formulación de una antropología estructurista-dinamicista como la propuesta por Xavier Zubiri y Pedro Laín Entralgo. Acercarse al paciente enfermo debería hacerse desde una mirada generosa de acompañamiento que se da persona a persona, de quien tiene salud a quien la ha perdido y posiblemente ya no la recuperará. (Álvarez & Giraldo, Notas de clase, p. 9).

Para la respuesta de la pregunta: ¿qué es el hombre? la propuesta antropológica de Laín, a través de su método investigativo, proceso de comprensión y teorías es fundamental para los escenarios disciplinarios que promueven la integración de la vida más allá de la lectura moralista la "antropología personalista integral" de Laín, porque, se aprende a mirar "al enfermo como un ser digno, que merece el mayor respeto, llevaría al terapeuta a ser más receptivo ante la condición terminal de aquel que está a su cargo y que, siendo creyente o no, le permitiera un proceso tranquilo hacia el encuentro con el misterio de nuestra existencia." (Álvarez & Giraldo, Notas de clase, p. 9).

LA SANACIÓN POR MEDIO DE LA PALABRA DE NIETZSCHE A LAÍN

La propuesta antropológica que busca comprender la condición humana desde los criterios terapéuticos de Laín podemos decir que es una articulación a la filosofía de Nietzsche en perspectiva de la búsqueda de la integración de la vida. Un ejemplo que sale a relucir leyendo las propuestas del método creado por Laín es la filosofía de Nietzsche. El pensador alemán quiso que volviéramos a leer la filosofía griega desde la mirada de los dioses Apolo y Dioniso. En esta invitación, consideró algo aterrador el que se hablara de la verdad en un sentido metafísico. La *verdad* es mirar la historia personal. La *verdad* es la vida concreta de cada persona en el sentido de tres dimensiones contenidas en una sola: infancia, adolescencia y vejez. La *verdad* es el inconsciente; el mundo de donde nacen las sombras, pero también el lugar de donde nace lo que salva. La anhelada *verdad* que según la razón estaría fuera de la vida de los hombres, pero, si tomamos como referencia el propio texto de Nietzsche: "[...] entre los grandes filósofos hay esta inocencia: no tienen

conciencia de que hablan de ellos mismos; creen que se trata de la verdad, pero se trata en el fondo de ellos mismos” (Nietzsche, 2011, p. 383).

A Nietzsche lo acompañó siempre la nostalgia cuando se hablaba de la verdad. Fue un hombre melancólico, por lo que hemos comprendido de sus escritos. Un hombre que se debatió entre amor, odio y contradicciones. Sin embargo, en él estuvo la profunda melancolía de saber, ¿quiénes somos en verdad?, ¿para qué vivimos?, ¿qué vinimos a hacer en el mundo?, ¿cómo podemos destruir las falsas creencias?, ¿cómo se hace idéntico un hombre a sí mismo?, ¿por qué mentimos?, ¿por qué la moral es lo más mentiroso que hayan inventado los hombres?, ¿por qué los adultos se empeñan en destruir el mundo de los niños?, ¿cómo llegar a ser lo que se es? y ¿cómo podemos avanzar hacia la libertad? Son los interrogantes que posibilitaron la instauración del querer vivir una vida que nunca vio desarrollada por ninguna persona. Quiso conducirnos a la verdadera fuente de donde emanan los conflictos de los hombres, a la propia vida interior.

De Nietzsche, se puede aprender que, filosofar es volver a ser niño. Filosofar es llegar a las ruinas de la propia casa. Cuando llegamos a la propia casa encontramos ruinas, escombros, y tropezamos con imágenes que nos recuerdan los maltratos padecidos en la infancia, que muy bien se pueden interpretar como las causas de una neurosis individual y colectiva, encontramos la ceguera que no nos deja ver que somos: prepotentes, irascibles, orgullosos, vanidosos, violentos, miedosos, y deseosos de poder. Mas, el hecho de contemplar las ruinas de la propia casa es motivo para pensar las causas que propiciaron el olvido de lo divino que un día fuimos; quizás la única prohibición venida de Dios hubiese sido: <<no te apartes de lo divino>>; en esto, consiste la filosofía: la búsqueda de sentido en medio de la devastación y el gesto de acoger la *palabra* como medio para alcanzar el *amor*.

Para descubrir y vivir esta verdad los hombres tendrían que percatarse de las contradicciones que a diario fomentan; pero, también con la certeza que esta verdad no se escapa del destino trágico de la vida, debido a que, la medida del destino de los hombres es el olvido de lo bello, de lo bueno y de lo verdadero; el olvido de lo bello, de lo bueno y de lo verdadero destroza la existencia y sólo el dios que lleva cada hombre dentro de sí, puede unificar sin violencia la experiencia de la luz y la experiencia de la oscuridad para poder encontrar la unidad, lo que constituyó para Nietzsche, la certeza de que el enfermo no se sana por voluntad propia sino por un milagro que no cabe en la lógica de la razón, es algo así, como la firme convicción de que es posible hurgar las fuerzas sanadoras por medio de la capacidad de ver la propia ceguera que no es más que una *enfermedad mortal*. La debilidad es la fuerza.

Nietzsche, nos habla en un sentido paradójico, lo que los hombres pretenden alcanzar está dentro de ellos mismos, algo así como el “reino de Dios está dentro de cada uno”(Lc. 17: 20-21), como una realidad interna en los hombres; como queriendo armonizar este pensamiento con el fundamento de la filosofía que consiste en pensar los misterios profundos y conmovedores de lo divino como desarrollo del proceso de desintoxicación

de las creencias que empieza a partir de la eliminación de la declaración de la fe en un Dios netamente moral. Este aspecto existencial es evidente en el príncipe *Mischkin* de Dostoievski, quien vive la tensión escatológica de la ética cristiana.

Nietzsche es el profeta de Dioniso. El profeta de lo natural. El filósofo defensor de los instintos, de los deseos, de las pasiones, y de los placeres, que son el lenguaje del cuerpo. Dioniso es el dios de la resurrección. Tal vez, este dios olvidado y despreciado, para el filósofo interesado por el origen de la moral, este dios proporciona las bases sólidas para que verdaderamente la vida de los hombres renazca en sentido profundo, como queriendo decir el propio Nietzsche que no hay resurrección sino hay descenso a la morada de las miserias y oscuridades de los hombres. Dioniso es el dios que nos hace bendecir la oscuridad y la enfermedad. Lo que particularmente exige el dios Dioniso, según, Nietzsche, es el imperativo de que para poder ascender primero hay que haber descendido a las tinieblas. El descenso es una caída, pero también es una ascensión.

La caída produce vértigos. Este acto, se convierte en una toma de conciencia, que primero hubo de haber perdido la conciencia, algo así como, la locura cura. La locura que muy bien se podría entender como la incapacidad de ver por parte de los hombres, y, como eventualidad de “poder percibir los huecos, la falsedad, la sombra, la caída de la imagen idealizada y, por fin, verse” (Naranjo, 2012, p. 100). Y, empezar a ser verdaderamente humano como el personaje Quijano de Cervantes que, terminó siendo sinceramente humano.

Lo que equivale a decir que, la armonía de la vida, está relacionada con la unidad de lo racional e irracional, de la luz y la oscuridad, del nacer y el morir, de la sensatez y la insensatez, entre la salud y la enfermedad, lo consciente y lo inconsciente, lo que ha pretendido la moral que pretende civilizarnos, según Nietzsche, es presentar estas combinaciones como opuestos donde en verdad no son contrarios sino complementarios, en esto está la majestuosidad de la tragedia griega, en este sentido lo expuso el profeta de Dioniso:

Con la palabra <<dionisiáco>> se expresa: un apremio de unidad, un desarrollo más allá de la persona, de la cotidianidad, de la sociedad, de la realidad, como abismo de olvido, un desbordamiento apasionadamente doloroso en oscuras situaciones completamente flotantes, un embelesado decir-sí. [...] Con la palabra <<apolíneo>> se expresa: el apremio hacia un ser-para-sí perfecto hacia el <<individuo>> típico, hacia todo lo que simplifica, destaca, potencia, aclara, priva de ambigüedad, tipifica: la libertad bajo la ley. (Nietzsche, 2011, p. 61).

El dios Dioniso es muerte, pero también es el dios que resucita. El dios Apolo es autoconocimiento para poder terminar la vida sirviendo a los demás; como terminó la vida de Apolo encarnado en la figura de un pastor de ovejas, algo así como lo describe la parábola del evangelio de Mateo, en su capítulo 25, quien ha percibido y experimentado el reino de Dios dentro de sí es capaz de entender el contenido del juicio y, tiene más interés en obrar

compasivamente frente a los que están: desnudos, enfermos, hambrientos, necesitados de una ayuda que les devuelva un poco de aliento de vida en medio del sufrimiento. En esto consiste el sentido profundo de la parábola del juicio final que propuso el hombre de Nazaret, haberlo encontrado en el rostro del que sufre; lo que hace que la vida del dios Apolo sea auténtica radica en el servicio como pastor de ovejas, y en su servicio adquiere sentido la frase: “a mí me lo hicistéis” (el capítulo 25 del Evangelio de Mateo).

Lo que vemos en estas dos divinidades griegas [Apolo y Dioniso] es la necesaria complementariedad del nacimiento de la auténtica espiritualidad de los hombres, donde ambas divinidades representan en su unidad el júbilo de la existencia, cuando los hombres han experimentado la enfermedad como requisito necesario para poder alcanzar la salud, “«con la enfermedad se me apareció un pensamiento muy antiguo: “yo tengo que pagar por la vida”. “Dios me ha dado la vida y yo tengo que pagar por ella haciendo, dando, sacrificándome. [...] Hasta que pude ver que la vida es un regalo. ¡Qué omnipotencia, qué arrogancia, qué insensatez, quién soy yo para poder pagarle la vida a Dios! La vida es un regalo, y lo único que puedo hacer es honrarla”. (Naranjo, 2012, p. 133). La única tarea asignada por Dios a los hombres es simplemente compartir la vida con los demás.

La *espiritualidad* es la manera como los hombres pueden honrar la vida, radica también en la capacidad de tomar conciencia de alcanzar la armonía interior que transcurre en la unidad de los supuestos opuestos, en la unidad entre el bajar a los infiernos para poder subir al cielo, en subir a la montaña y bajar de la montaña, o la huida al desierto del propio corazón, y en la unidad entre la soledad y el silencio como requisitos de la profunda meditación, que no es más que la toma de conciencia de estar vivo y “estar aquí”, la toma de ser consciente de que toda espiritualidad necesita devoción y un credo que profesar.

El credo para Nietzsche estuvo en el contundente decir: “sí” a la vida, “sí” al sufrimiento, “sí” al dolor, “sí” a la enfermedad, porque nos dará las fuerzas de vivir intensamente y percibir lo divino, como queriendo decirnos el filósofo, en un Dios crucificado está el verdadero sentido de la resurrección y la miseria de los hombres, y el fin del deseo de poder; en este sentido no es gratuito que Nietzsche se haya dejado conmovir por la imagen del crucificado, traemos a colación las palabras del texto *El Anticristo* (2011): “[...] la *práctica* de la vida es lo que hace que el hombre se sienta <<divino>>, <<bienaventurado>> [...], <<un hijo de Dios>> en todo momento” (Nietzsche, 2011, p. 862).

CONCLUSIÓN

El *sentido de vida* para Láin está muy cercano a la filosofía de Nietzsche en cuanto que *el miedo a la vida* permite hacer una lectura moralista de la existencia, desarrollando con esta actitud el *sentimiento de desgracia* en el hombre. El hombre en la medida de su percepción trágica de la vida y de su mundo convive bajo los dictámenes de violencia contra sí mismo, contra los demás, contra la naturaleza y contra Dios mismo, y entenderá

simplemente que la vida es una competencia donde el otro es motivo de amenaza y se busca de manera obsesiva poseer: *poder, dinero y placer*, para defenderse de la propia insignificancia de la existencia.

REFERÊNCIAS

Álvarez, A & Giraldo, C. (). *El logos y la curación. Una reflexión antropológica desde "La curación por la palabra"* de Pedro Laín Entralgo.

Drewermann, Eugen. (1996). *La palabra de sanación y salvación*. Barcelona: Herder.

Gadamer, H. (2006). *Verdad y Método II*. Salamanca: Ediciones Sígueme.

García, Jonny & Giraldo, Conrado. *La visión integral del ser humano en la antropología dinamicista de Pedro Laín Entralgo*. **Notas de clase**.

García, Jonny & Giraldo, Conrado. *Pedro Laín Entralgo, una visión filosófica del cuerpo: yo soy mi cuerpo*. **Notas de clase**.

Giraldo Zuluaga, Conrado. (2008). *La incógnita insoportable. El sentido del hombre en Pedro Laín Entralgo*. Medellín: Ed. Universidad Pontificia Bolivariana.

Giraldo Zuluaga, Conrado (2009). *El dualismo subyacente en el hilemorfismo. Una crítica de Pedro Laín Entralgo*. *Revista Escritos*. Vol. 17, N° 39 (julio-diciembre), p. 466-493.

Laín Entralgo, Pedro. (1996). *Idea del hombre*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, Círculo de Lectores.

Naranjo, Claudio. (2012). *27 Personajes en busca del ser. Experiencias de Transformación a la luz del eneagrama*. Barcelona: La Llave.

Nietzsche, Friedrich. (2011). *La ciencia jovial*. Madrid: Gredos.

Ricouer, Paul. (1995). *Teoría de la interpretación*. Madrid: siglo XXI.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

R

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

S

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

V

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 